

A RECONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA ITALIANA NA OBRA AUTOBIOGRÁFICA *DIARIO PARTIGIANO* DE ADA GOBETTI

Rafaela Souza Maldonado¹

RESUMO: Este artigo propõe discutir a reconstrução da Resistência italiana por meio da obra literária de teor testemunhal, *Diario Partigiano*, de Ada Gobetti. A Resistência italiana foi um movimento liderado por grupos civis clandestinos que combatiam o nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial na Itália. O material utilizado para a discussão é uma obra autobiográfica cuja autora participou da Resistência como militante. Em obras como essa, podemos verificar a contribuição literária e importância da escrita de teor testemunhal para a reconstrução da memória coletiva e estudo da história propriamente dita. Para tanto, utilizaremos o conceito de micro-história elaborado por Giovanni Levi, e a perspectiva da literatura de teor testemunhal de Walter Benjamin e Márcio Seligmann-Silva.

PALAVRAS-CHAVE: memória, escrita autobiográfica, testemunho, Resistência italiana.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir la reconstrucción de la Resistencia italiana a través de la obra literaria de testimonio, *Diario Partigiano*, de Ada Gobetti. La Resistencia italiana era un movimiento clandestino dirigido por grupos cívicos que combatieron el fascismo e nazismo durante la Segunda Guerra Mundial en Italia. El material utilizado para la discusión es una obra autobiográfica cuya autora participó en la Resistencia como militante. En obras como esta, podemos ver la contribución literaria y la importancia de la escritura de contenido testimonial para la reconstrucción de la memoria colectiva y el estudio de la historia misma. Para ello, utilizamos el concepto de micro-historia escrita por Giovanni Levi, y la perspectiva de el contenido testimonial de la literatura de Walter Benjamin y Marcio Seligmann-Silva.

PALABRAS CLAVE: memoria, escritura autobiográfica, testimonio, Resistencia italiana.

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Itália esteve envolvida apoiando a Alemanha e tomando decisões que comprometiam o bem estar e liberdade da população, deixando o país em estado de exceção. A Resistência Italiana começou a se articular, durante a Segunda Guerra, como reação popular contra a presença de tropas alemãs na Itália em decorrência dos caminhos tomados pelo país na guerra, e também insatisfação política ocasionada pelos vinte anos de fascismo. No decorrer da Segunda Guerra, a Itália que começou aliada da Alemanha, assina o armistício curto, que consiste na sua rendição aos aliados². Na ocasião, 1943, o país fica dividido ao meio, com centro e o norte comandado por

¹Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP). Email: rafaela_maldonado@hotmail.com.

²O armistício curto foi o acordo feito com os anglo Americanos, chamados aliados. O acordo foi assinado dia 03 de setembro de 1943, porém, divulgado no dia 08 de setembro, pois acarretaria na mudança de lado da Itália na

Benito Mussolini, que tomou de volta seu posto após ser libertado pelos nazistas instituindo a República Socialista Italiana (República de Saló), e o sul, sob o governo de Pietro Badoglio, nomeado pelo rei para governar a Itália depois da destituição e prisão de Mussolini em julho de 1943. O tempo em que Badoglio governou toda a Itália ficou conhecido como “os quarenta e cinco dias badoglianos” e foi de 25 de julho de 1943 até o chamado armistício curto divulgado em 08 de setembro de 1943.

Diante da situação confusa e desordenada que se encontrava a Itália, em todo o território italiano formaram-se grupos de civis, operários, camponeses, intelectuais, universitários e até soldados desertados, que se uniram em um movimento apartidário, pois foi aderido por indivíduos de vertentes ideológicas e partidos variados, ou até mesmo independentes, sem partido. Os sujeitos que aderiram o movimento eram chamados *partigiani* e estavam engajados em libertar seu país dos nazistas e fascistas, principalmente depois do 8 de setembro. Na ocasião a Itália cessa a luta armada deixando os soldados à deriva no campo de batalha, sem saber em qual lado deveriam combater. Frente a essa situação, uns decidem retornar às suas casas outros aderem ao movimento *partigiano*.

A partir do contexto histórico, exposto rapidamente, observamos o motivo que influenciou muitas pessoas que sobreviveram as catástrofes, a lutar na época em que a Itália era refém de dois vilões: nazistas e fascistas. A obra autobiográfica de Ada Gobetti, *Diario Partigiano*, publicado pela primeira vez em 1956, foi escrita simultaneamente aos acontecimentos de 1943 a 1945 na Itália, ou seja durante as últimas resoluções do poder que culminou na invasão alemã. A autora trata dos fatos que aconteceram na época, bem como a organização e os detalhes das ações de seu grupo *partigiano*, o Giustizia e Libertà, que atuava em Turim na região do Piemonte, norte da Itália.

Na obra, a autora reflete sobre a situação de seu povo durante o estado de exceção e as reações da população causadas pela guerra. A partir dessas reflexões e tendo como base a consciência de seu papel de cidadã e intelectual orgânica, que há muito tempo já se envolvia com as questões políticas de seu país, influenciada pelos amigos intelectuais, ela se vê a frente da luta, ajudando a administrar os grupos civis. Posteriormente (em 1949) a autora relê suas memórias e faz uma espécie de balanço da experiência *partigiana*, assim, expõe seus sentimentos e pensamentos de quando compunha o diário, durante o processo de luta pela

guerra, que passaria a apoiar os aliados. A assinatura do acordo rendeu consequências graves para a Itália, como: a invasão da Alemanha e libertação de Mussolini, aliando nazismo e fascismo.

libertação de seu país. Portanto é comum, ao longo do diário, encontrarmos passagens sem data e que reconstróem a realidade da época, como se fechassem as lacunas presentes no seu relato. O excerto abaixo trata do início do diário, em que a autor contextualiza o leitor da invasão alemã, mote para as mobilizações populares, após isso ela passa a fazer registros diários:

As pessoas se aglomeravam em torno de nós. É uma das recordações mais patéticas daquele dia a ânsia dos transeuntes que, nos vendo com folhas impressas na mão, acreditavam no corrente das coisas secretas e nos interrogavam, esperando saber, entender: patéticos no seu isolamento, no seu abandono: deixados a si mesmos, sem armas materiais nem morais, sem uma orientação, sem uma palavra de ordem (GOBETTI, 1972, p. 20)³.

Nessa recordação de Ada, notamos que ela assume a sua preocupação com o povo, este por sua vez aposta nas ações clandestinas dos *partigiani*, parece que há uma esperança depositada neles, também há dúvida sobre os acontecimentos e as próximas resoluções diante da guerra, o que fez com que a população se sinta desprotegida. A autora faz o uso do termo “patético” demonstrando a comoção com que recebeu o apoio da população.

Ainda em sua revisão, depois de passados os transtornos das ocupações e tentando reviver um pouco das sensações daqueles dias, a fim de se recuperar do trauma, apesar de sua aparente calma, Ada mantinha dentro de si a esperança de um resultado positivo: “... apesar da minha atitude de calma e quase de indiferença, havia em mim a espera de algo grandioso, heroico, definitivo”⁴ (GOBETTI, 1972, p.352). Nessas palavras, percebemos o espírito de liderança de Ada, que sempre esteve disposta a mudar a realidade, sempre com cautela, sem se antecipar. Por isso, atribuímos a Ada o caráter de intelectual orgânico, concepção elaborada por Antônio Gramsci para descrever o intelectual que age de forma positiva na sociedade, transformando o contexto social que o cerca.

Além da concepção de intelectual orgânico de Gramsci, para nos ajudar a definir a atuação de Ada Gobetti, partimos do conceito de história de Walter Benjamin, e não deixamos

³ O livro não possui, ainda, uma versão em português, todos os trechos apresentados é de tradução própria, portanto será disponibilizado a versão original, em italiano dos fragmentos em notas de rodapé. Tradução nossa de: *La gente s'affollava intorno a noi. E uno dei ricordi più patetici di quel giorno l'ansia dei passanti che, vedendoci con dei fogli stampati in mano, ci credevano al corrente delle sgrete cose e c'interrogavano, sperando di sapere, di capire: patetici nel loro isolamento, nel loro abbandono: lasciati a se stessi, senz'armi materiali né morali, senza un orientamento, senza una parola d'ordine* (GOBETTI, 1972, p. 20).

⁴Tradução nossa de *...nonostante il mio atteggiamento di calma e quasi d'indifferenza, c'era in me l'attesa di qualcosa di grande, di eroico, di definitivo* (GOBETTI, 1972, p.352).

de aproveitar como ponto de partida para nossa leitura as considerações sobre micro-história de Giovanni Levi. Por meio do nosso objeto, o *Diario Partigiano*, pode-se estudar a história incluindo nas pesquisas a fonte testemunhal de caráter documental, o que nos oferece, ainda, a oportunidade de tratar de um gênero literário cujas características particulares incluem os modos de narrar em primeira pessoa e as reformulações do vivido através do discurso com marcas de sua construção. Para dar ênfase ao testemunho e endossar nossos argumentos a cerca da escrita de Ada Gobetti, servimo-nos de algumas considerações de Márcio Seligmann-Silva que nos deram base para tratar do trauma e como ele reverbera para a sociedade em forma de escrita.

O estudo das biografias como fontes históricas já foi tratado com muito preconceito no meio acadêmico, e por se tratar de relatos pessoais os estudiosos argumentavam frequentemente que as fontes eram impressionistas e o gênero ficava na fronteira entre a literatura e história. Segundo Marly da Silva Motta, esse tipo de literatura era voltada para um público que não se interessava pelo estudo científico e sim por histórias íntimas, isso aconteceu também com a sociologia no pós-guerra:

(...) o método biográfico foi duplamente desqualificado. Em termos científicos, foi associado à impressão e à subjetividade. Situada na fronteira entre a literatura e a história, a biografia se caracterizaria pela “promiscuidade dos vulgarizadores de baixa categoria, dos escreventes de historietas”, voltada para um grande público ávido por intimidades e desatento à consistência científica. Em termos políticos, a acusação se voltou contra uma postura considerada elitista e conservadora, a qual, ao privilegiar o indivíduo e não a massa, desconheceria “as forças profundas da história” (MOTTA, 2000, p. 102).

A essa visão antiga, que acabamos de recuperar, Motta faz uma crítica de modo que, para ela, o estudo da autobiografia tornou-se importante método de pesquisa da história, principalmente para quem estuda o coletivo social, sobretudo recentemente com a valorização das obras e o interesse em se estudar a história política ou social por meio de relatos feitos “ao sabor da vida” ou em forma de diálogo, com um entrevistador e um entrevistado. É interessante também, fornecer argumentos para o estudo da história por meio da memória e escrita autobiográfica daqueles que passaram por um trauma ou tiveram alguma vivência com a guerra, e carregam consigo o peso da lembrança.

Além da importância para a História, o relato autobiográfico também é importante para a própria testemunha. Passado o trauma, muitos sobreviventes têm a necessidade de

recontar suas histórias com a intenção de deixar como uma herança para as gerações seguintes. Segundo Michael Pollak (POLLAK, 1989), que argumenta que a vítima do trauma escreve contra o esquecimento e, além disso, para unir sua memória à memória do outro, como forma de reconstruir e deflagrar a memória esquecida ou manipulada. Mariarosaria Fabris (FABRIS, 2011) também discute esse tema em artigo em que menciona a importância de se contar a história para gerações futuras, incluindo a relevância da oralidade em sua vida pessoal, pois pode carregar consigo o testemunho do trauma de sua família durante a Segunda Guerra. Nessas circunstâncias vemos a importância do testemunho para a história do sujeito, que pode disponibilizar sua experiência para micro-história – teoria da história que propõe novos materiais para o seu estudo, como o relato pessoal, por exemplo, que é contado por cada um a seu modo, e quando incluído num contexto macro torna-se parte da história vivenciada por todos.

O testemunho de Ada Gobetti foi importante, não só para a história de sua família, que participou integralmente da Resistência (Ettore Marchesini, seu marido de então e Paolo, seu filho com Piero Gobetti, seu primeiro marido), mas também para a história de um povo. Ao reconstruir a história do oprimido que foi vencedor, a partir de uma organização clandestina, ela divulga as memórias subterrâneas de um grupo.

A obra, como um todo, possui uma estrutura de diário. Em dias corridos, Ada inicia seu relato em 13 de setembro de 1943 e salta alguns dias, que são retomados posteriormente, quando a autora se volta às suas anotações. Nesse dia de setembro o trabalho de ocupação dos nazistas já está a todo vapor. Na revisão de suas memórias, a autora percebe que uma parte importante da história ficou de fora: o que deu origem à sua vontade de escrever, então faz um longo preâmbulo introduzindo o leitor à abertura do seu percurso de luta *partigiana*. Então, ela expressa seus sentimentos ao ver a chegada dos alemães. O evento causou um impacto decisivo, pois quase não acreditou, já que alguns meses antes, mesmo sem muita fé no governo de Pietro Badoglio, houve uma fase de calma:

Acredito que devo começar o meu relato daquele momento – perto das 4 da tarde do dia 10 de setembro de 1943- em que, quando com Paolo, Ettore e Lisetta eu estava distribuindo panfletos na esquina da Rua Cernaia e Avenida Galileo Ferraris, e vi, com olhos incrédulos, passar uma fila de automóveis alemães.

Antes, nos quarenta dias badoglianos, não foi, para mim, uma coisa verdadeiramente séria. Uma excitação, uma festa contínua, isso sim: até no primeiro momento, a manhã de 26 de julho, quando tinha ouvido a notícia

por rádio, em Meana, gradualmente, confusamente, antes em tchecoslovaco, depois em grego, e tive uma reação de riso quase histérico; e depois, o retorno precipitado a Torino; e a casa cheia de gente; e todos os amigos que se podia agora ver livremente; e aqueles que dia após dia, voltavam do confinamento, do exílio, do cárcere – Rossi e Ginzburg, Venturi e Foa; e a excitação da primeira impressão semiclandestina; um turbilhão em que era belo sentir-se envolver, uma alegria que parecia uma justa recompensa por tantos anos de isolamento (GOBETTI, 1972, p.17-18)⁵.

No trecho acima fica explícito o choque da autora, quando diz que viu com olhos incrédulos os alemães chegarem, a verdadeira incredulidade dela esteve nos quarenta dias do governo badogliano, em que ela não punha fé e tinha razão para não acreditar. Depois, sua rápida reação é expressa no texto com várias repetições de ponto e vírgula, da letra “e” como adição transmitindo para nós os seus esforços e trabalhos para reunir seus amigos, tomar providências e voltar rapidamente a atuar contra o governo fascista que retornaria agora com apoio nazista. Os índices de enumeração oferecem à leitura do texto uma velocidade e uma pressa como as de alguém que teve muito que fazer, aflição que passada à escrita.

Ada Gobetti foi uma das muitas mulheres que atuaram na Resistência italiana, seu papel engajado na luta *partigiana* a tornou uma heroína, e não podemos deixar de mencionar aqui o seu trabalho na organização do movimento e na emancipação da mulher *partigiana*, aspecto que nos faz atribuir à autora o qualificativo de intelectual orgânico (segundo a concepção de Antonio Gramsci), pois Ada Gobetti não se limitou a apenas em refletir sobre o homem e o mundo, mas se empenhou em transformá-lo, mesmo dentro de seu universo de atuação ou grupo historicamente formado para o exercício da função intelectual. O exemplo de Ada ilustra a conexão entre os grupos sociais. Segundo Lino Resende (RESENDE, 2006), que explica o conceito gramsciano, “a organicidade vem do comprometimento, da participação, na formulação de ideias que ajudem na ação política, seja ela hegemônica ou contra-hegemônica”, e aqui, ainda segundo o autor, Gramsci se refere ao momento histórico vivido, em que o norte exercia maior poderio sobre o sul. Durante o período entre 1943 e

⁵ *Credo di dover incominciare il mio racconto da quel momento- verso le 4 del pomeriggio del 10 settembre 1943- in cui, mentre con Paolo, Ettore e Lisetta stavo distribuendo manifestini all'angolo di via Cernaia e corso Galileo Ferraris, vidi, com occhi increduli, passare una fila d'automobili tedesche./ Prima, nei quaranta giorni badogliani, non era stata, per me, una cosa veramente seria. Un'eccitazione, una festa continua, questo sì: sin dal primo momento, il mattino del 26 luglio, quando avevo udito la notizia per radio, a Meana, gradatamente, confusamente, prima in cecoslovaco, poi in Greco, e avevo avuto una reazione di riso quasi isterico; e poi, il ritorno precipitoso a Torino; e la casa piena di gente; e tutti gli amici che si potevano ormai vedere liberamente; e quelli che, giorno per giorno, tornavano dal confinamento dall'esilio, dal cárcere- Rossi e Ginzburg, Venturi e Foa; e l'eccitazione della prima stampa semiclandestina; un turbine in cui era bello sentirse trascinare, una gioia che pareva un giusto compenso a tanti anni d'isolamento (GOBETTI, 1972, p.17-18).*

1945, vários intelectuais como Ada estiveram a favor de uma política contra-hegemônica e suas atitudes foram decisivas para que a Itália fosse liberada das tropas alemãs e governo fascista.

O caráter engajado da autora, além de fazer parte de sua personalidade, é herança de seu primeiro marido Piero Gobetti, morto precocemente, aos 25 anos, assassinado pelos fascistas, por denunciar o fascismo em seus artigos escritos para jornais e revistas, publicações antifascistas, lutando sempre contra a prática do governo em questão. Segundo Goffredo Fofi, no prefácio ao *Diario Partigiano* (FOFI apud GOBETTI, 1972), o casal compartilhava o sonho da revolução liberal juntamente com outros amigos intelectuais como Benedetto Croce.

Essa característica organizacional de Ada, tão politicamente engajada, a fez atuar em vários campos da sociedade, como a educação, tema ao qual já estava acostumada, pois lecionava mesmo antes da guerra; na política do pós-guerra como vice prefeita de Turim; escritora de vários assuntos, desde literatura infantil engajada até escritos pedagógicos e em grupos sociais, durante a Resistência, como o *Gruppo di difesa della donna* (Grupo de defesa da mulher), em que dava apoio e instruía as mulheres a fim de que elas também pudessem participar do movimento de alguma forma, seja nas frentes de batalha ou nas confecções de manifestos, com isso as mulheres foram adquirindo base e conhecimento político, fatores que vão refletir no fim da guerra com a luta das mulheres para ter seus direitos políticos reconhecidos. Como Ada conta, o seu grupo de mulheres já é independente ao final da guerra, isto é, as mulheres já possuem emancipação, já sabem como devem agir e decidir em diferentes situações. No recorte do dia 25 de abril de 1945, com a expectativa de vitória, ela conta a preparação de “suas mulheres”:

Cada uma das minhas mulheres sabe onde deve ir, com quem fazer contato, o que fazer. Aquelas que têm por sua vez responsabilidades organizativas ou de grupo encontraram hoje as suas adeptas e na última reunião realizada esta noite na casa de Natalia me relataram os resultados. Parece que tudo vai bem. Não há bairro, organização em que não temos a nossa representante. Um enxame de garotas munidas de bicicletas efetuará as comunicações; no caso deplorável se os inimigos explodissem as pontes sobre o Po, Mila Montalenti dispõe de um barco com o qual atravessaríamos o rio: e assim nem o Oltrepo ficará isolado (GOBETTI, 1972, p. 351)⁶.

⁶ *Ognuna delle mie donne sa dove deve andare, con chi mettersi a contatto, che cosa fare. Quelle che hanno alla loro volta responsabilità organizzative o di gruppo han radunato oggi le loro adeptes e nell'ultima riunione tenutasi questa sera in casa di Natalia m'han riferito i risultati. Pare che tutto vada bene. Non c'è quartiere,*

Sobre atuar na política depois da guerra, é um tema que havia sido abordado desde a Resistência. Ada foi nomeada vice-prefeita pelo *Partito d'Azione* (Partido de Ação), e até parece que a autora não tinha consciência de sua importância e seu envolvimento social durante a luta *partigiana*. Quando foi informada da vontade dos partidários, ainda durante o regime fascista, agiu como se tivesse uma surpresa com a notícia e até com um pouco de insegurança:

Conversamos [Ada, Vittorio e Lisette, integrantes do Partido de Ação] por um longo tempo, sobre várias coisas. [Vittorio] me disse entre outras coisas que os amigos da direção do Partido de Ação estabeleceram que me nominariam vice-prefeita depois da liberação. Confesso que explodi de rir e achei que Vittorio estivesse brincando. Ao contrário, era seríssimo e a minha vontade de rir começou a se transformar em espanto. – Mas não tenho nem sombra de prática administrativa! – protestei; - e não fui feita para este tipo de trabalho! – A prática te fará, - me respondeu tranquilamente; - e te asseguro que é mesmo o trabalho necessário para você. Pense quantos problemas práticos haverá para resolver: problemas, quase corriqueiros, para reorganizar a vida de meio milhão de pessoas. Não consigo ver a pessoa mais adaptada-. Olhava-o de boca aberta; falava sério mesmo; e se tivesse razão? Sim, certo, acabado todo este estrago, haverá um grande afazer; e é verdade que me agrada me empenhar, “colocar a pele na vara”, como dizia expressivamente meu pai, para ajudar as pessoas a fazer as coisas darem certo, ainda que uma coisa pequena. Tinha sonhado tanto em voltar à tranquilidade serena dos meus estudos! Mas cada vez mais me convenço que não será possível (GOBETTI, 1972, p. 256)⁷.

Pela reação de Ada, neste 24 de dezembro de 1944, percebemos a manifestação pessoal, adequada ao veículo de expressão e ao formato do diário, por meio da sua

organizzazione in cui non abbiamo la nostra rappresentante. Uno sciame di ragazze munito di biciclette provvederà ai collegamenti; nel deprecato caso che i nemici facessero saltare i ponti sul Po, Milla montelenti dispone d'una barca con cui attraversare il fiume: e così neanche l'Oltrepo rimarrà isolato (GOBETTI, 1972, p. 351).

⁷ *Abbiamo chiacchierato a lungo, di molte cose. M'ha detto tra l'altro che gli amici della direzione del Partito d'Azione han stabilito di farmi nominare vicesindaco dopo la liberazione. Confesso che son scoppiata a ridere e ho creduto che Vittorio scherzasse. Invece era serissimo e la mia voglia di ridere ha incominciato a mutarsi in sgomento. – Ma non ho ombra di pratica amministrativa!- ho protestato;- e non sono fatta per questo genere di lavoro!- La pratica te la farai, - m'ha risposto tranquillamente; - e t'assicuro ch'è proprio il lavoro che ci vuole per te. Pensa quanti problemi pratici ci saranno da risolvere: problemi semplici, quasi casalinghi, per riorganizzare la vita di mezzo milione di persone. Non riesco a veder persona più adatta-. Lo guardavo a bocca aperta; parlava proprio sul serio; che avesse ragione? Sì, certo, finito tutto questo sconquasso, ci sarà un gran da fare; ed è vero che a me piace darmi d'attorno, <<metter la pelle sul bastone>>, come diceva espressivamente mio padre, per aiutar la gente a far andar bene le cose, magari unna piccola cosa. Avevo tanto sognato di tornare alle quiete serena dei miei studi! Ma sempre più mi convinco che non sarà possibile* (GOBETTI, 1972, p. 256).

insegurança. Apesar de confessá-la, o discurso também nos informa que ela responde prontamente que sim, e assume o seu desejo de continuar lutando pela causa social. Completa, quando se vale de um ditado ensinado por seu pai, admitindo que sua vida agora é permeada pela prática da ação, mais uma prova de seu caráter orgânico e de seu ideal de que acaba a guerra, mas não a luta.

O caráter testemunhal do livro traz a discussão da História por meio da memória. Segundo Walter Benjamin, a História da humanidade é contada sob o viés daquele que se tem mais empatia ou popularidade, ou seja, sempre se elege um ícone representativo para manter a carga de veracidade, assim, a História ganha credibilidade e constrói uma imagem fixa do passado - esse materialismo histórico se contrapõe à ideia de historicismo, que constrói uma história universal sob olhares que questionam a vitória do dominador. Ainda segundo Benjamin, “A verdadeira imagem do passado se perpassa veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224), isto é, o passado só é reconhecido quando é visto novamente, ou revisitado, por meio dos escritos e das memórias às vezes um pouco fragmentárias, pensando na velocidade com que essa imagem relampeja, porém mesmo assim pode ser reconhecido e possuir algo em comum com outras histórias. Segundo Márcio Seligmann-Silva (SELIGMANN-SILVA, 2008), Benjamin abre o estudo da História para o discurso testemunhal, com a sua concepção de historiador.

Ainda sobre o tema do estudo da História por meio de documentos testemunhais, podemos nos embasar no conceito de Giovanni Levi, que nos aponta para o estudo da micro-história abrangendo uma variedade maior de material para o estudo da história social: “(...) a micro-história em si nada mais é que uma gama de possíveis respostas que enfatizam a redefinição de conceitos e uma análise aprofundada dos instrumentos e métodos existentes” (LEVI, 2011, p. 137). Refletindo sobre esta afirmação percebemos que a micro-história, no sentido *strictu* da palavra micro, vai esmiuçar a história das camadas menores e mais fundas da sociedade revisando, diante de variados materiais, a história social. Giovanni Levi desperta também para a pluralidade de interpretação deste tipo de estudo. Deste modo, além das questões históricas já sistematizadas, neste método o historiador tem a liberdade para pesquisar seu objeto levantando questões de ordem interpretativa dispondo da pluralidade de suas interpretações:

Neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambiguidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos naturais (LEVI, 2011, p. 138).

Assim, o *Diario Partigiano* de Ada Gobetti nos traz fragmentos da história que constroem o conceito da Resistência. Ela articula o passado e não só nos dá um panorama da guerra, mas também das dificuldades, da coragem do povo que precisou viver na clandestinidade, se armar, enfim, se organizar em função de sua liberdade. Em vários trechos a autora revela detalhes sobre as organizações de ataques, ou emboscadas, inclusive com pontos de vista dos personagens reais, como no trecho abaixo, com data do dia 09 de abril de 1944, em que a autora conversa com seu filho Paolo sobre uma experiência *partigiana* e nos transmite a visão dele. No excerto ela comenta que os dois conversam sobre a Germanasca, local que jovens se refugiavam se protegendo dos alistamentos obrigatórios no exército. Paolo acaba se refugiando na Germanasca quando o cerco se fecha para os jovens, porém não considera a melhor forma de lidar com a luta:

Hoje, com Paolo, falamos por longo tempo da Germanasca. Apesar de alguns lados positivos, a experiência no fundo não o convenceu. A ocupação de zonas inteiras, pode ser necessária e às vezes útil também, não é para ele a verdadeira guerra *partigiana*: ao entusiasmo eufórico da liberdade conquistada acontece bem cedo a indiferença da rotina, feita naturalmente pelo abandonar-se, pelo relaxar da tensão, pela ilusão de que o sonho possa durar. E quando inevitavelmente, por força de coisas, vem o despertar, ao entusiasmo acontece o desorientado desencorajamento: e não apenas nos *partigiani*, mas também nas populações civis que seguem as histórias e o destino. A guerra *partigiana*, segundo ele, não deve conhecer abandonos nem ajeitar-se a hábitos e, se deve necessariamente estar enquadrada em um desenho de união, deve porém sempre se fundar na iniciativa a qual originalmente nasceu, e não burocratizar-se nunca. O exército *partigiano* não deve ser uma bela cópia ou um rascunho de um exército regular, mas um nascer espontâneo da vontade consciente do povo. Para ele hoje não são pensáveis nem desejáveis as grandes ações; melhor limitar-se em uma contínua ópera de moléstia, de sabotagem, de resistência ativa. É necessário dar aos jovens o senso de que são eles os responsáveis por cada ação, pequena ou grande, de que sintam a vontade de cumprir, não é preciso oferecer novas fórmulas, novas estruturas em que, ainda uma vez, possam acomodar-se mais ou menos (GOBETTI, 1972, p.127)⁸.

⁸ Oggi, com Paolo, abiam parlato a lungo della Germanasca. Nonostante alcuni lati positivi, l'esperienza in fondo non lo ha convinto. L'occupazione d'interzone, se può essere necessaria e a volte anche utile, non è per lui la vera guerra partigiana: all'euforico entusiasmo della conquistata libertà succede ben presto l'indifferenza della routine, vien fatto naturalmente d'abbandonarsi, d'allentare la tensione, d'illudersi che il sogno possa

Para ele, Paolo, a ocupação de um território por parte dos *partigiani* estancaria a proliferação do movimento e este perderia sua essência de luta, os exércitos se acomodariam e não haveria mais o caráter popular, que parte da vontade de embate contra as forças alemãs e fascistas, ao contrário do exército deles. Paolo é um jovem e nesta época adere à Resistência com entusiasmo, desde cedo é engajado, como seus pais, e para ele as ações dos *partigiani* devem ser pequenas, de ataques como sabotagens, para fragilizar o adversário aos poucos, pois grandes ações causariam uma exposição demasiada do grupo podendo causar perigo de descoberta, prisão, tortura, entre outros tipos de castigos, por parte do inimigo contra os grupos.

O testemunho da autora é pautado pelas suas experiências como militante inserida num contexto histórico trágico, em que tudo está acontecendo no momento em que ela narra, ou seja, pouca coisa da Resistência escapa à autora, por conta da instantaneidade da narrativa. Conforme já pôde ser observado, a obra literária nos serve como material de estudo da história e também para o estudo do testemunho, ou da, já descrita, literatura de testemunho. Resgatando Seligman-Silva (2008):

O testemunho é uma modalidade da memória. Se os estudos sobre o testemunho (...) se desenvolveram nas últimas décadas é porque ocorreu neste período uma “virada culturalista” dentro das ditas ciências humanas. Nesta virada a memória passou a ocupar um lugar de destaque, submetendo a quase onipresença da historiografia no que tange à escritura de nosso passado. Neste período também a própria historiografia se abriu aqui e ali à influência dos discursos da memória, como vemos em trabalhos de história que introduzem procedimentos da história oral ou nos que se abrem também ao trabalho com as imagens (SELLIGMANN-SILVA, 2008, p. 65).

Essa virada culturalista permitiu a quebra das convenções para o estudo da história e a construção de uma nova forma de fazê-lo. Deste modo pode-se promover um diálogo maior

durare. E quando inevitabilmente, per forza di cose, viene il risveglio, all'entusiasmo succede il disorientato scoraggiamento: e non nei partigiani soltanto, ma anche nelle popolazioni civili che ne seguono le vicende e il destino. La guerra partigiana, secondo lui, non deve conoscere abbandoni nè acconciarsi ad abitudini e s'anche deve necessariamente essere inquadrata in un disegno d'insieme, deve però fondarsi senpre sull'iniziativa da cui originariamente è nata, e non burocratizzarsi mai. L'esercito partigiano non dev'essere una bella o una brutta copia d'un esercito regolare, ma nascere spontaneo dalla volontà cosciente del popolo. Per lui oggi non sono pensabili nè augurabili grandi azioni; meglio limitarsi a una continua opera di molestia, di sabotaggio, di resistenza attiva. Bisogna dare ai giovani il senso che son loro i responsabili d'ogni azione, piccola o grande, che si senton di compiere, non offrir nuove formule, nuove strutture in cui, ancora, una volta, più o meno comodamente possano adagiarsi (GOBETTI, 1972, p.127).

entre a literatura de diários e escritas do eu, com a história e a revisão desta, permitindo dar margem para discussão sobre reconstrução do sujeito por meio da memória e também para o valor literário deste gênero. Para ilustrar, utilizaremos um exemplo em que Ada Gobetti constrói seu discurso não só num modo de narrar descritivo, ou apenas relatando fatos, como é comum na narrativa diarística. Pelo contrário, ela utiliza elementos narrativos que talvez não sejam comuns em um relato autobiográfico, mas há na obra situações discursivas nas quais podemos perceber a sensibilidade da escritora ao narrar sobre a guerra, sobre os *partigiani* ou outros temas, apesar de utilizar uma linguagem bem simples e direta quando faz suas anotações diárias. Assim, conforme fica explícito no fragmento do dia 9 de abril de 1944, quando a autora faz uma rápida observação sobre a paisagem:

É Páscoa. Mas não há paz no mundo. Há o sol, os álamos começando a colocar as primeiras folhinhas; os prados ao redor estão cheios de violetas e de margaridas; mas sobretudo há um véu de tristeza impalpável que deixa mortificado o sol e murchas as mais belas cores (GOBETTI, 1972, p.126-127)⁹.

Nesse pequeno trecho, que, em sua abertura, traz um átimo de comemoração “É Pascoa”, a autora parece dizer que não há o que comemorar, já que o símbolo da Páscoa para os cristãos, além de ser a morte e ressurreição de Cristo, pressupõe uma renovação e, para os judeus, é a celebração da libertação do povo que fugiu do Egito e atravessou o mar vermelho, portanto comemorar a data em meio a guerra seria uma ironia. Contudo, a data traz esperança ou deveria dar um sentido de esperança aos italianos oprimidos. Além disso, a descrição da paisagem: com sol, as árvores e os campos dando flores nos remete à primavera que, apesar de não ser mencionada, era a estação da época, em que há um colorido diferente. Em meio a tudo isso: Páscoa e primavera, em que a harmonia deveria ser diferente, positiva, tudo está coberto por uma aura cinzenta que domina o ar e torna tudo menos belo e angustiante. Retomando um conceito de Hélène Piralian, Seligmann-Silva menciona a dimensão que a simbolização traz para a narrativa: a imagem, calcada e decalcada, ganha tridimensionalidade a partir da simbolização, além disso “a linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados.

⁹ È Pascoa. Ma non c'è pace nel mondo. C'è il sole, i pioppi incominciano a metter le prime foglioline tenere; i prati intorno son pieni di violette e di margheritine; ma su tutto c'è como um velo di tristezza impalpabile che rende smorto il sole e vizzi i più bei colori (GOBETTI, 1972, p.126-127).

Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida” (SELLIGMANN-SILVA, 2010, p. 11).

Neste artigo, pudemos apresentar o *Diario Partigiano*, de Ada Gobetti, mostrando como ela reconstrói os anos em que a Resistência italiana atuou no país. Além de seu testemunho próprio, está presente na obra a memória de um grupo, muitas vezes não reconhecido e que podemos, graças à obra e à luz dos teóricos aqui mencionados, perceber o valor que ela tem, não apenas literário, mas também histórico. Ada mostra ao longo de sua obra que sua intenção vai além de retratar aqueles dias de luta, quando ela relê seu diário tem a chance de reelaborar sua escrita contribuindo para a estética da obra e nos mostrando seu potencial como escritora, função que estava acostumada a exercer. Ou seja, esta obra passeia tranquilamente nas áreas de literatura e história, além de carregar o forte teor memorialístico, pois podemos perceber que o valor estético e o teor testemunhal estão integrados assumindo cada um o seu espaço e sem exageros no modo de narrar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.*

FABRIS, Mariarosaria. Eu não vi, mas me contaram... *Tabuleiro de Letras*, n. 03, dez 2011.

GOBETTI, Ada. *Diario Partigiano*. 5. ed. Torino: Einaudi, 1972.

GRAMSCI, Antonio. *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura*. Roma: Editori Riuniti, 1977.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda de Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MOTTA, Marly da Silva. O relato biográfico como fonte para história. *Vydia, leituras da história*, jul-dez 2000.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 2, nº 3 p. 3-15.

RESENDE, Lino Geraldo. *Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia*. Revista *Ágora*, Vitória, n.4, 2006, p. 1-17.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic Clin*, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, vol. 2, n. 1, p. 3-20, jan/jun 2010.

Artigo recebido em fevereiro de 2017.

Artigo aceito em maio de 2017.